

GEORGES BERNANOS E SÉRGIO MILLIET

REGINA SALGADO CAMPOS

Universidade de São Paulo

Resumo

Trata-se de apresentar a recepção de Georges Bernanos por Sérgio Milliet, crítico de grande prestígio na época. Ao comentar, em artigos para jornal datados de 1944 e 1945, a conferência "Réflexions sur le cas de conscience français", quatro volumes de *Le Chemin de la Croix des Ames* e o romance *Monsieur Ouine*, o crítico traça um paralelo entre a situação política francesa e a brasileira nesse período, propondo uma atuação para o intelectual de então.

Abstract

The aim of the paper is to portray the reception of George Bernanos by Sérgio Milliet, a prestigious critic at the time. While commenting, in newspaper articles dating from 1944 and 1945, the lecture "Réflexions sur le cas de conscience français," four volumes of Le Chemin de la Croix des Ames, and the novel Monsieur Ouine, the critic sketches a parallel between the French and the Brazilian political contexts of the period, recommending involvement by the intellectual of the time.

Comunicação apresentada no Colóquio: "Bernanos et le Brésil". Mesa-redonda "Bernanos e os intelectuais brasileiros". Rio de Janeiro, UFRJ, 22 de agosto de 1998.

Palavras-chave

Crítica,
situação
política, papel
do intelectual.

Keywords

Criticism,
political
context, role's
intellectual.

À primeira vista, parece-nos difícil imaginar o encontro desses dois autores, que, aliás, nunca se viram pessoalmente, se levarmos em conta suas respectivas opções: o catolicismo de Bernanos e o ceticismo de Milliet. É nos escritos, porém, que se encontram os pontos de semelhança. Como Bernanos, Milliet está indignado com a situação política de seu tempo, e, como ele, acredita numa ação que leve os leitores a questionarem o discurso totalitário. Se o tipo de eloquência difere, os móveis da ação se aproximam.

Crítico de literatura e de artes plásticas, Sérgio Milliet escrevia regularmente, sobretudo a partir do anos 1940 em jornais locais, e em particular em *O Estado de S. Paulo*. De formação europeia, tendo estudado na Suíça durante cerca de nove anos, estava em Genebra durante a Primeira Guerra Mundial e frequentou o grupo pacifista sob a orientação de Romain Rolland e Charles Baudouin. Participou, nessa época, da publicação da revista *Le Carmel*. Seus primeiros escritos são versos em francês, assinados como Serge Milliet. De volta ao Brasil no início dos anos 1920, tomou parte na Semana de Arte Moderna de 1922. Logo depois, retornou à Europa, e publicou na Bélgica artigos sobre as atividades artísticas em São Paulo, traduções de contos e poemas de autores brasileiros, em especial na *Revue de l'Amérique Latine*, além de enviar para revistas brasileiras resenhas e comentários sobre a atualidade artística parisiense. Em 1926, decidiu retornar e passou a escrever em português. Trabalhou na redação do *Diário Nacional*, órgão do Partido Democrático, de oposição. Com a revolução de 1930 e o fechamento do jornal, tornou-se bibliotecário da Faculdade de Direito. Participou da fundação da Escola Livre de Sociologia e Política em 1933 e, por ocasião da criação da Universidade de São Paulo, em 1934, aí trabalhou por pouco tempo como secretário. Essas duas iniciativas tinham como objetivo a formação de uma elite que traria para o Brasil uma mudança nos procedimentos políticos da época.

Desse projeto, fazia parte ainda o Departamento de Cultura do Município de São Paulo. Na gestão do prefeito Fábio Prado, Milliet participou da equipe do Departamento como encarregado da Divisão de Documentação Histórica e Social, sob a direção de Mário de Andrade. Criado em 1936, o Departamento teve pouca duração, por razões políticas, já que em 1937 o golpe de Estado impediu as eleições previstas, para as quais era candidato o governador de São Paulo, favorável ao projeto. O Estado Novo de Getúlio Vargas desintegrou pouco a pouco a equipe. Mário de Andrade foi para o Rio de Janeiro e Milliet, obrigado a continuar a exercer suas atividades de funcionário, passou a ocupar, em 1943, a função de diretor da Biblioteca Municipal. Muito atuante, passou, além disso, a exercer atividades de professor e de crítico de arte e de literatura.

Foi sobretudo no jornal *O Estado de S. Paulo* que Milliet publicou os textos em que comentava as obras recém-publicadas, fossem elas brasileiras ou estrangeiras. De 1940 a 1956, reuniu em livro uma seleção dos artigos e crônicas que mais se destacaram, e temos assim os dez volumes do *Diário crítico*. Caracterizou-se por procurar dialogar com o leitor, apresentando-lhe seu ponto de vista. Pressupunha, portanto, um leitor inteligente, evitava a retórica dos que tudo sabem e apresentou em seus artigos um exemplo de não-dogmatismo, de abertura e diálogo, inclusive com as opiniões contrárias às suas opções. Destacava, nos livros que estava comentando, aquilo que considerava importante e que poderia contribuir para que continuasse a expor suas idéias. De certo ponto de vista, os livros, as citações que ia destacando, passavam a ser pretextos para o início da conversa com o leitor.

Nos artigos referentes a Bernanos, em certos momentos, Milliet parafraseia o texto do francês e, em outros, apresenta citações traduzidas, ou no original em francês. Ora, estamos numa época em que é admitido por todos que a língua francesa não tem mais a mesma popularidade do início do século no Brasil, e que agora nem todos falam e lêem em francês. Mas Milliet está escrevendo para um jornal de grande circulação. Parece-nos, no entanto, que essa prática de Milliet, além de instigante para o leitor, inseria-se no projeto de tudo apresentar claramente, de ser explícito e não deturpar, pelo comentário, aquilo que foi dito pelo autor estudado. No *Diário crítico*,¹ as referências a Georges Bernanos estão centradas em 1944 e 1945. São cinco artigos inteiramente dedicados a ele: 1) a conferência “Reflexions sur le cas de conscience français”, de 15 de outubro de 1943, publicada em francês em 1944;² quatro volumes do *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, cada um deles objeto de um artigo: 2) o primeiro em 21 de fevereiro de 1944;³ 3) o segundo em 25 de abril de 1944;⁴ 4) o terceiro em 10 de novembro de 1944.⁵ 5) Em 26 de abril de 1945,⁶ comenta o quarto volume e, nesse mesmo artigo, refere-se ainda à publicação do romance *Monsieur Quine*.

¹ Sérgio Milliet, *Diário crítico*, São Paulo, Martins, Edusp, 1981-1982, 10v.

² Sérgio Milliet, *Diário crítico*, op. cit., v.II, 4 de fevereiro de 1944, p. 60-1.

³ *Idem*, *ibidem*, p. 77-8.

⁴ *Idem* *ibidem*, p. 131-3.

⁵ *Idem* *ibidem*, p. 294-9.

⁶ Sérgio Milliet, *Diário crítico*, op. cit., v.IV, p. 79-87.

Ao aludir ao caso de consciência francês, Milliet destaca um primeiro aspecto quando diz:

Georges Bernanos censura rudemente os que se instalam em suas convicções como em boas e sólidas poltronas. Toda a tragédia humana está exatamente nessa tendência para se acomodar de um modo definitivo, para se assegurar uma tranquilidade espiritual à custa, se necessário, da própria liberdade.

Na primeira frase citada, portanto, Milliet parafraseia Bernanos:

lorsque je reproche à tant de gens d'être assis dans leurs convictions comme dans un fauteuil, je ne mets nullement hors de cause ceux qui s'en font une chaise, ou même un simple strapontin. Il en est peu d'entre nous qui n'aient été tentés aussi à un moment donné de prendre, pour la paix de leurs consciences, le confort et la sécurité de leurs derrières...⁷

O conferencista francês está analisando o caso específico de seu país, durante a ocupação alemã. Já Milliet, ao referir-se à acomodação, fala dela como sendo “toda a tragédia humana”. Assim sendo, podemos observar que a indignação de Bernanos serve de pretexto ao crítico brasileiro para se referir a um outro caso, o de seu país, na generalização da “tragédia humana”. Indiretamente, é claro, as observações remetem também à situação do Brasil sob a ditadura Vargas. Como podemos ver, de todos os argumentos, de todas as considerações apresentadas pelo francês, Milliet destaca a importância de não se parar nas certezas, em questionar tudo o que é mostrado como inevitável.

O raciocínio continua e Milliet inclui então uma referência a Goethe, retirada dos escritos de Bernanos, mas não pertencente ao texto da conferência. Depois de falar da necessidade humana de certezas, de normas precisas de conduta, diz: “Goethe, que era Goethe, já preferia uma injustiça à desordem; por que há de o seu Manoel da esquina sobrepujá-lo em filosofia e caráter?”. Essa alusão encontra-se num outro texto de Bernanos: “Examen de conscience”, de março de 1941, incluído no primeiro volume de *Le chemin de la Croix-des-Âmes*: “*repreñant la parole de Goethe: une injustice vaut mieux qu'un désordre [...] comme si l'injustice n'était pas le plus grand et le plus irréparable des désordres*”.⁸ Vemos, portanto, que o interesse do brasileiro por Bernanos antecede a publicação dessa conferência.

Se Milliet diz que Bernanos “censura rudemente” os que ficam comodamente sentados, não fica ele em desvantagem:

Sentar nas suas convicções é a mais comum das covardias e a mais compreensível. E é também a mais agressiva, pois, como todas as covardias, ela assume ares dignos e hostis, e até heróicos quando lhe tentam arrancar a poltrona. Com que furor se atira então contra os céticos, os cientistas, os subversivos de toda espécie, os criadores de casos de consciência!

⁷ Georges Bernanos, *Le chemin de la Croix des Âmes*, Paris, Ed. du Rocher, 1987, p. 660.

⁸ Georges Bernanos, “Examen de conscience” in *Le chemin de la Croix-des-Âmes* op. cit., p. 215.

Se incluirmos Milliet entre os “céticos”, não podemos deixar de considerar Bernanos como um “criador de casos de consciência”.

Como já dissemos, o crítico brasileiro toma como pretexto para suas reflexões publicações alheias que escolhe dentre as que se apresentam no momento. Além disso, dialoga com seu leitor e, nesse caso, assume posições, convidando-o não necessariamente a aderir a elas, mas a discuti-las. Vejamos agora um exemplo disso: “Carradas de razão tem Georges Bernanos quando afirma: ‘pour chatouiller la conscience de l’homme de demain il faudra peut-être un marteau et des clous...’”. Trata-se, portanto, de um exemplo de citação em francês.⁹ Vale observar que, nesse caso, não é feita, a seguir, nenhuma observação ou paráfrase que esclareça o leitor sobre o significado em português da frase escolhida.

Em resumo, Milliet destaca, na argumentação de Bernanos, o aspecto que o preocupa, ou seja, como questionar as opiniões categóricas, dogmáticas, como combater os totalitarismos que se mantêm pela propaganda, como abalar as convicções cômodas que se opõem à dúvida, característica, para ele, do civilizado. A generalização, portanto, inclui, como já dissemos, o caso francês, mas também o brasileiro.

Há ainda um outro aspecto que é preciso destacar: na conferência, Bernanos refere-se à “tricherie en politique”:

*Vous connaissez probablement le mot de ce jeune poète juif trouvé asphyxié dans sa mansarde, à Paris, quelques années avant la guerre. Avant de tourner le robinet du gaz, il avait écrit au crayon, sur un chiffon de papier, ces mots terribles: “Je ne peux vraiment plus vivre dans un monde où tout le monde triche”.*¹⁰

Em seu artigo sobre Bernanos, Milliet não cita essa parte da conferência, mas a “trapaça” é sempre objeto de comentário e, quanto à frase, ele mesmo a emprega desde 1936, em seus escritos:

Discutindo, há tempos, com um amigo, tive a oportunidade de citar a frase de Gide: “il n’y a pas de plaisir à jouer dans un monde où tout le monde triche”. Na melancolia desta afirmação, parecia-me encontrar encravada uma definição perfeita do caos atual.¹¹

Como vemos, a frase é atribuída por Milliet a André Gide. Esse, por sua vez, a cita em duas ocasiões em seu *Journal*: a primeira, em novembro de 1923, de autoria de Emmanuel Fay, amigo de Marc Allegret, que acabava de morrer em Nova York. Diz Gide: “Il ne s’est pas tué, mais c’est tout comme: il s’est laissé mourir”. A frase teria sido dita a seu irmão, que a transmite a Gide: “On n’a pas de coeur à jouer dans un monde où tout le monde triche”. A segunda, datada de novembro de 1927,

⁹ Georges Bernanos, “Réflexions sur le cas de conscience français”, in *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, op. cit., p. 663.

¹⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 658. No artigo “Le général de Gaulle”, de dezembro de 1941 (in *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, op. cit., p. 304), Bernanos retoma esta frase e a comenta.

¹¹ Sérgio Milliet, *Marcha a ré*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, p. 177.

introduz uma pequena variação: “Il n’y a pas de plaisir à jouer dans un monde où tout le monde triche”. Seria uma outra versão do caso a que se refere Bernanos?

Milliet volta a se referir à trapaça, aludindo ainda à frase, que atribui a Gide, em 1941, 1942 e 1944, inclusive no *Diário crítico*, ao comentar em abril (portanto, depois de já ter falado de Bernanos), a reedição no Brasil, em francês, do diário de Gide:

Numa época de trapaças de vários quilates, num tempo de moral relativa em que os caracteres se julgam por escalas elásticas do bem e do mal, em que tudo se desculpa e tudo se esquece, Gide foi um puro, um intransigente, um absolutista da verdade. Merece mais do que o respeito: a admiração.¹²

E essa admiração de Milliet por Gide já pode ser notada durante a Primeira Guerra. Foi nessa época que optou por se ocupar de política em vez de dedicar-se integralmente à literatura, o que, para ele, significava aderir a Gide. Data também dessa época sua admiração por Charles Péguy. É preciso observar, entretanto, que essa associação pode também ter sido inspirada no mesmo artigo em que está a referência a Goethe. Nele, Bernanos fala dos católicos franceses como ele, que não souberam agir corretamente contra o anticlericalismo do início do século. Inclusive não souberam “ver o que via tão bem Péguy: uma tradição cristã deformada, difícil de reconhecer, embora continuasse viva”.

No parágrafo introdutório do artigo sobre o primeiro volume de *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, Milliet declara: “Sinto uma simpatia profunda por esse homem rude, reto e independente, tão parecido em tantos ângulos com Péguy”. Em ambos constata as supremas virtudes: “honra, lealdade e boa fé”, resumidas na expressão “homem de bem”. É essa capacidade de duvidar, de questionar posições já assumidas que leva Milliet a associar os dois franceses, um dos quais Péguy, que, como dissemos, era há tempos seu conhecido.

Se não, vejamos: em 1923, Mário de Andrade, em carta a Milliet, agradece-lhe o envio de um livro de Péguy. Trata-se de *Mystère de la Charité de Jeanne d’Arc*, que contém marginália que associa o texto à responsabilidade do intelectual. Sobre ele, Milliet também havia escrito, em 1939, uma série de três artigos, por ocasião da morte de Péguy, publicados em livro em 1941, em *O sal da heresia*. Posteriormente, por causa dos livros a ele dedicados, Milliet cita Péguy e comenta suas idéias. São referidos ao longo do *Diário crítico: Péguy, soldat de la liberté* de Roger Secretain, de 1941, comentado no mesmo ano, e o livro de Pierre Brodin, *Maîtres et témoins de l’entre-deux-guerres*, comentado em julho de 1944. Em 1948, chega mesmo a traduzir dois fragmentos de *Mystère des Saints Innocents* (18 de janeiro e 13 de fevereiro), sendo o segundo introduzido pelo comentário: “Volto de vez em quando a Péguy, seduzido pela conciliação de suas idéias socialistas e seu patriotismo, com a mística cristã”.

Voltemos a *Le chemin de la Croix-des-Âmes*. Em seu artigo, Milliet destaca em especial o texto “Il y a en France un parti allemand”, de onde tira suas referências.

¹² Sérgio Milliet, *Diário crítico*, op. cit., v. II, p. 123.

Vale lembrar que muitos desses artigos, agora reunidos em livro, já haviam sido publicados em português em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, como é o caso desse que mencionamos, publicado em 1940. Nesse caso, Bernanos lamenta que os que mais se diziam nacionalistas, como a *Action Française* e Charles Maurras em particular, sejam os que agora apóiam os alemães, juntamente com a burguesia conservadora e clerical. E agora a citação está traduzida: “Vemos reunidos atrás do sr. marechal Pétain os mesmos homens e os mesmos partidos antes chamados nacionais”. Diz Bernanos: “*Bref, nous voyons groupés derrière M. le maréchal Pétain les mêmes hommes et les mêmes partis qu'on appelait 'nationaux'*”.¹³

Temos, portanto, na comparação e no elogio de Milliet a Bernanos, o destaque dessa capacidade de crítica, de mudança de posição em razão daquilo que acredita ser criticável, sempre em nome da oposição ao totalitarismo.

A publicação do segundo volume de *Le chemin de la Croix-des-Âmes* merece também um artigo de Milliet. Nele, diz o crítico:

Encontro a mesma decisão obstinada do primeiro, o mesmo espírito de revolta contra os compromissos e as combinações que levaram a França à derrota. Esse o valor principal desses artigos, a par de um estilo nervoso e áspero admiravelmente afeito à polêmica.

É justamente esse estilo que vai permitir ao brasileiro entrar em diálogo com o texto francês. Assim sendo, temos: “Agrada-me sobremodo sua coragem de enfrentar certos tabus legados pelo liberalismo malicioso”. Milliet faz observações ao introduzir as frases que toma do texto de Bernanos: “Parece-me um pouco fácil entretanto apontar o espírito de liberdade como o único agente de libertação dos povos”. A seguir: “Concordo entretanto com Bernanos, quando nos adverte da pequena influência das leis que não se apóiam nas tradições e nos costumes”. Ou ainda: “Gosto, e muito, de sua observação...”. Para concluir o diálogo, temos no parágrafo final: “Mas é excessivo”. E aqui a restrição de Milliet, mais uma vez, refere-se ao fato de Bernanos só aludir ao caso francês. Diz ele: “Em suma, Bernanos exige assim da França que assuma a inteira responsabilidade da falência burguesa. E quantos outros povos [não] se encontram na mesma situação trágica da França em 1940?”, numa alusão evidente ao caso brasileiro. Mas ainda aqui reconsidera: “É verdade que aos líderes cabe o exemplo. Não têm o direito de errar mesquinamente. ‘Noblesse oblige’”. Por essa última observação, vemos que, afinal, Milliet acaba por considerar a França como líder para o Brasil e, nesse caso, seu exemplo não deveria ser seguido.

Nesse artigo, o crítico brasileiro refere-se em especial a dois textos de Bernanos, ambos de 1941, e o primeiro já publicado em português. São eles: “Tradition et révolution”,¹⁴ quando fala do sufrágio universal, e “Lettre à la révérende Soeur Marie de Loyola”, do qual tira uma citação em francês: “*Les plus grandes canailleries de l'histoire n'ont pas été commises par les plus grands canailles de l'histoire, mais par les lâches et les impuissants*”.¹⁵ Naturalmente, o que Bernanos lamenta é que os católicos franceses não tenham sabido manter a dignidade do país e tenham se

¹³ Georges Bernanos, *Le chemin de la Croix-des-Âmes* op. cit., p. 111.

¹⁴ *Idem*, *ibidem*, março de 1941, p. 209.

¹⁵ *Idem*, *ibidem*, 29 de abril de 1941, p. 231.

aliados aos alemães. Novamente encontramos no texto francês uma referência a Péguy, mas Milliet não a comenta.

O artigo mais longo de Milliet é o que trata do terceiro volume de *Le chemin de la Croix-des-Âmes*. Assim sendo, mostra, já no início, o motivo:

Venho acompanhando com crescente emoção a série de artigos de Georges Bernanos sobre a tragédia da França. O simples fato, nada simples aliás, mas complexo e desnorteante, da queda do país que foi (e volta a ser) o nosso guia espiritual, bastaria para dar a tais artigos um interesse imenso e em nada desmedido.¹⁶

Temos aqui a explicitação de como a França é vista não só por Milliet, mas também por todo o Brasil. Milliet aponta ainda as qualidades do escritor que consegue “transpor os limites do nacionalismo para, embora falando francês, se fazer ouvido de todos os povos”:

Bernanos figura entre os homens que alimentam suas ações e suas falas com as vitaminas e as proteínas da honestidade, da franqueza, da honra, do amor à inteligência sadia. [...] Georges Bernanos não caiu nem se acovardou. Permaneceu na trincheira dessa luta a que se dedicara desde o primeiro dia com toda a força de sua atitude moral e todos os recursos de sua pena penetrante...

Refere-se ao “admirável escritor”, ao “grande escritor”. E para concluir, temos a apreciação tanto do autor como do conteúdo:

O livro de Bernanos, escrito em defesa da França eterna contra a França provisória de Pétain, abre, como se vê, perspectivas numerosas para os problemas universais da moral e da política. É um belo livro de um belo escritor.

Vejamos agora como se organiza o texto que remete especificamente a cinco artigos, e contém cinco citações em francês, dentre as quais as duas últimas são bastante extensas. Num primeiro momento, destaca o papel dos intelectuais. Bernanos, no artigo “Aux Français”, não quer ser incluído nessa classe, “*car toute classe risque de devenir, un jour ou l'autre oppressive, et l'intelligence ne peut être que libératrice*”¹⁷ (trata-se da citação apresentada por Milliet em francês). O crítico brasileiro não concorda com suas preocupações e considera como colocação burguesa o afastamento do intelectual da vida política, seja na torre de marfim seja na arte pura. Para ele, foram os que assim fizeram que colaboraram. Entretanto, há exemplos dos que “souberam resistir às tentações: os Gide, os Malraux, os Picasso”, concluindo que a participação é “um dever do cidadão, seja ou não intelectual”.

Numa segunda parte, o problema liga-se à técnica. No artigo “La technique n'est pas la vie”,¹⁸ publicado originalmente em tradução para o português, Bernanos

¹⁶ Sérgio Milliet, *Diário crítico*, op. cit., v. II, p. 294-9.

¹⁷ Georges Bernanos, *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, op. cit., 3 de abril de 1942, p. 361.

¹⁸ *Idem*, *ibidem*, 6 de agosto de 1942, p. 392.

responde aos leitores que gostariam de vê-lo debatendo temas comuns da atualidade, em vez de falar sobre a vocação espiritual da França. Diz que tudo já está sendo comentado pelos colegas brasileiros e elogia, como leitor, o trabalho da imprensa. Lamenta a situação atual e, embora pareça que se volte para o passado, quer de fato pensar no futuro. Criticam-no por não ter um programa. Não o tem, mas sabe como o mundo foi destruído: pela técnica. Diz então: “*Nous savons que, un certain point dépassé, chaque nouvelle usurpation de la technique se paie d'un accroissement du pouvoir de l'Etat, de la perte de la liberté*” (essa é a citação escolhida por Milliet). E conclui dizendo que a vocação da França é denunciar esse escândalo, pois a França não vai cometer o crime de preferir a técnica à liberdade. Milliet concorda, mas acha que há um meio de sair do impasse: um esforço “de emancipação, de revisão total e impiedosa de todos os valores recebidos e aceitos”. Crê, porém, que “Bernanos se afoba demais diante da perspectiva do impasse”.

A contrapartida positiva dessa “afobação”, segundo Milliet, é a criação de “páginas belas, de intensa poesia, de grande coragem e dignidade. E principalmente de fé nas forças humanas que deverão sair vencedoras no mundo futuro”. Para Bernanos, no artigo “*Patentia pauperum*”,¹⁹ o mundo será salvo pelos pobres. As imagens empregadas são então comparadas, no texto brasileiro, às de Péguy e de Paul Claudel.

De fato, o texto é de grande poesia, num tom cada vez mais eloquente e que acaba por estabelecer um diálogo com os “políticos realistas”. Mostra que só os pobres têm a esperança e a paciência para reconstruir o mundo, apesar do domínio poderoso da propaganda. Não cederão aos apelos do dinheiro, pois Deus “*a percé leurs mains pour qu'ils ne puissent rien garder dedans*”. Essa é a citação escolhida por Milliet que, a seguir, retoma a afirmação que Bernanos, como eles, rejeita “conluíus e conchavos imorais”.

Em seguida, Milliet toma do artigo “*Le Brésil entre dans la guerre*”²⁰ uma longa citação em francês em que Bernanos conta como soube da tomada de Paris pelos alemães. É assim anunciada:

A angústia, o desespero, ante a impossibilidade de agir, de sustar a marcha implacável dos acontecimentos, se expandem com rude sobriedade neste trecho: “*C'est dans le sertão de Pirapora que j'ai appris la chute de Paris. Le soir pâlisait déjà le sol rouge du corral, entrainé dans la pauvre maison, avec le vol des premières chauves-souris. La forêt immense, la forêt naine et difforme, torturée par la soif, s'étendait à l'infini autour de nos murs d'argile. Nous étions là seuls, vraiment seuls, seuls comme des morts, tandis que la hideuse voix nasillarde d'un poste de radio, alimenté par une batterie hors d'usage, nous annonçait que le drapeau allemand flottait sur Notre-Dame...*”.

Propõe-se ainda a comentar “um ponto essencial de seu pensamento: o da resistência necessária do escritor às injunções “realistas”. Segue-se então uma última citação em francês, retirada do artigo “*Nous vous jetterons sur le parvis*”:²¹

¹⁹ *Idem ibidem*, setembro de 1942, p. 430.

²⁰ *Idem ibidem*, agosto de 1942, p. 412.

²¹ *Idem, ibidem*, fevereiro de 1943, p. 510.

Dans l'exercice de mon modeste métier d'écrivain, je n'ai jamais reçu de consigne, et je suis obligé de dire qu'on n'a jamais sérieusement prétendu m'en imposer une. Il en est des écrivains qui se vantent d'avoir résisté à toutes les tentatives de corruption, comme de ces femmes qui se disent toujours suivies dans la rue. Si on se donne tant de mal pour les séduire, c'est peut-être qu'elles ne découragent pas assez les séducteurs.

Milliet tem prazer em constatar que já havia escrito sobre o tema: “não é preciso grande heroísmo para ser honesto: basta não pactuar e não ir além daquilo que a força exige da vítima indefesa”, diz ele.

O artigo de 1945 sobre o quarto volume de *Le chemin de la Croix-des-Âmes* e também sobre *Monsieur Ouine* vem na seqüência de comentários sobre a literatura francesa atual, tanto da Resistência como dos exilados franceses:

É porque ninguém escapa por completo às injunções de seu tempo e de seu grupo que o escritor participa, como homem, da luta política. Mas é porque discorda de sua época e se sente nela desajustado que, como artista, o escritor se afasta de seus contemporâneos.

Milliet, portanto, considera que Bernanos, “um dos intelectuais mais combativos da Resistência no estrangeiro”, “ao lado de seus admiráveis artigos de polêmica e propaganda, tão lúcidos e tão integrados aparentemente na mentalidade do povo de França” cria “um romance difícil e de pequena elite como *Monsieur Ouine*”. Para ele, “o escritor Georges Bernanos participa da Resistência como homem, mas como artista não admite nenhuma concessão, não faz o menor esforço para comungar com a massa ou transmitir-lhe suas emoções mais profundas”.

Chegamos agora a um ponto muito caro a Milliet que, desde 1942, tenta teorizar sobre a “Marginalidade da arte moderna”. Constatando a “trapaça” característica do mundo contemporâneo, o artista não pode compactuar com ela. Sua ação como artista vai ficar restrita a poucos, à espera do advento de um mundo onde haja espaço para a função social da arte. Mas para que isso aconteça, vai precisar lutar, participar, em espaços outros, como o jornal (basta ver o exemplo de Bernanos e do próprio Milliet), para encontrar um público mais amplo. Nesse caso, “a inteligência abdica para agir e sublima o sacrifício no hermetismo da criação artística”. Porém sempre age em razão da construção de uma nova sociedade que Milliet vislumbra na atuação dos moços. Conclui ele:

Em relação à questão eu creio, pessoalmente, que ao intelectual só cabe, no momento, uma atitude estoica [...] Se possível comungando com os que erguem a bandeira da moral e da justiça; se não, obedecendo ao imperativo deles. Com ou sem a sublimação do hermetismo, com ou sem marginalismo, obediente às leis da felicidade para o maior número.

Talvez Bernanos não chegasse a admitir todas as implicações contidas nos textos de Milliet. Esse último, porém, soube, a nosso ver, ler a retidão, a intransigência e a importância da atuação de Bernanos em seus escritos brasileiros, comentando na medida em que correspondiam exatamente ao que estava procurando fazer naquele momento.